

# ENA: a experiência francesa

Heitor Coutinho\*

**P**or ocasião da cerimônia de encerramento do Ciclo Especial Estrangeiro de 1986-1987, turma Michel de Montaigne, o Diretor de estágios da Escola Nacional de Administração — ENA, em sessão solene na sala do Conselho de Administração, proferiu discurso de agradecimento pela participação dos trinta e quatro alunos estrangeiros selecionados a integrar o curso regular daquela instituição. Cumpridas as formalidades de praxe, exigidas nesse tipo de situação, o Diretor concluiu sua exposição, desejou boa sorte aos representantes dos vinte e quatro países ali reunidos e declarou serem os alunos do Ciclo Especial Estrangeiro de 1986-1987 uma “espécie em extinção”.

Estarrecidos diante de tanta franqueza os colegas entrelharam-se uns surpresos, outros, talvez, indignados. Ninguém conseguiu contudo, permanecer indiferente àquelas declarações.

Passei em revista o primeiro dia de aula e lembrei-me de que a mesma franqueza me havia surpreendido quando nos foi revelado ser o exame de seleção para o acesso à Escola um instrumento que procurava reunir indivíduos “identicamente heterogêneos” com o fito de criar no interior da ENA uma “situação de partida equivalente”. Isto é, onde o aluno tivesse condições de recuperar-se e atingir um determinado “perfil de saída desejado”...

Na realidade, desde 1945, a ENA tem sido objeto de discussões controvertidas. Criticada e enaltecida tanto pela direita quanto pela esquerda a Escola “surgiu na França da liberação, profundamente dividida, onde a mística do Estado reencontrava toda sua força: tratava-se de reconstruir um país, de resgatar-lhe a coerência e a unidade, após os abandonos que

*“O culto pelo raciocínio lógico, o primado da razão, a crença de que todo o diploma é um começo e não o fim, fazem da ENA um desafio desde o primeiro dia”.*

conduziram à derrota de 1940 e à traição de Vichy, de insuflar-lhe um sangue novo com vistas a abri-la à modernidade”. Jean-Michel Gaillard foi talvez o autor que melhor tenha expressado o espírito reinante na França às vésperas da criação da Escola em 9 de outubro de 1945.

Pouco importavam as tendências políticas, a situação financeira, a posição social do candidato. O “enarca” — neologismo que designa o egresso da Escola Nacional de Administração — seria o produto de uma seleção, bem como de uma formação comum e moderna, com vistas a reconduzir ao Estado o destino da nação.

Até hoje, após sucessivas reformas de estrutura, a Escola ainda consegue, com invejável habilidade, desestruturar todos aqueles que acreditam ser a aprovação no exame de seleção um atestado de competência com validade até a aposentadoria.

Doze horas diárias de seminários, aulas magistrais, conferências, entrevistas conseguem estabelecer o caos e obrigam o aluno a organizar seu trabalho de modo a conciliar seus interesses individuais e as atividades desenvolvidas em grupo. Pode-se justificar dessa forma a insistência da Escola em tentar estabelecer critérios comuns de linguagem a fim de facilitar a comunicação entre os alunos — a meu ver a tarefa mais difícil e, certamente, a mais ingrata, uma vez que, até hoje, a ENA ainda não conseguiu adotar com sucesso uma linguagem simples e técnica para facilitar não só a discussão dos temas de estudo, senão também o aproveitamento das

sugestões originais levantadas em seminário.

Em suma, a Escola vem tentando dar ênfase à importância da demonstração por etapas — o plano *bilan, critique, proposition* —, do culto da clareza, do gosto pelo raciocínio lógico, da eficácia operatória, com vistas a aproveitar melhor as contribuições dos alunos. Existe, contudo, uma sensível resistência dos alunos que obsta a tentativa de enquadramento da Escola. Resistência esta facilmente vencida, posto que a classificação final acaba impondo a preocupação com a norma.

Ainda me lembro daquela manhã de outono, quando os sinos da Igreja de São Tomás de Aquino, abafaram o discurso do Diretor da Escola. “Numa época cheia de vastas aspirações, de pesquisas no absoluto, as almas querem mais do que simples jogos dialéticos sobre conceitos abstratos querem palpar o real, serem introduzidas no âmago das questões, entrar na posse das altas evidências da razão e da fé”.

“Identicamente heterogêneos”, “identicamente homogêneos... os egressos da ENA concluem o curso preparados para administrar crises. Certa vez, Michel Debré afirmou que a “ENA não deveria ser a chegada e sim uma partida”. Desenvolvendo “protótipos”, gerando “híbridos”, a Escola consegue transmitir ao aluno que a imaginação, a responsabilidade, o profissionalismo, o não conformismo são requisitos indispensáveis àquele que aprecie trabalhar com disciplina.

\* Ancien — élève de L'École Nationale d'Administration — Promotion Montaigne Assessor do Diretor-Geral da ENAP.